



VOCÊ É SURDO?!

LETRAMENTO E DISCURSO SOBRE O SURDO EM AMBIENTE DE TRABALHO

Maria Aparecida Dorigon Domiêncio

Resumo

No presente estudo, propomos investigar os discursos que os surdos constroem sobre si próprios, principalmente com referência à sua condição histórico-social, as relações com seus processos de letramento e sua inserção no mercado de trabalho.

Palavras-Chaves: surdos; letramento; discursos; ideologia; saber; poder; história de vida; mercado de trabalho;

Introdução

O espectro do desemprego tem assombrado a sociedade brasileira como um todo. Tem sido tema de muitos debates na mídia, nos corredores acadêmicos e, também, um dos temas favoritos dos discursos dos sindicatos, dos movimentos grevistas em setores públicos e privados e nas campanhas políticas dos representantes de nossa sociedade. O contingente de pessoas deixadas à margem



do mercado de trabalho é extenso. Uma sociedade inteira marcada pela exclusão e afligida pela crise do trabalho.

A esse respeito, na visão de ANTUNES (2005, p. 3), os que têm acesso ao mundo do trabalho, fazem parte de uma minoria, uma vez que: Criou-se, de um lado, em escala minoritária, o trabalhador "polivalente e multifuncional", capaz de operar com máquinas com controle numérico e, de outro, uma massa precarizada, sem qualificação, que hoje está presenciando o desemprego estrutural.

Desse cenário de excluídos, sugerido no excerto acima, escolhemos focar em nosso estudo as relações de trabalho, educação, discursos e práticas construídas, concernentes aos chamados “deficientes auditivos”, os quais no presente artigo, denominaremos surdos, para evitarmos a visão patológica da denominação “deficiente auditivo”, visando com isso, respeitar o desagrado que a referida expressão provoca nos surdos por não se classificarem como deficientes e, sim, como uma minoria linguística, conforme explicamos ao longo de nosso trabalho.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas como um ideal comum a ser atingido por todos os povos e nações, tem como objetivo trazer à mente de cada indivíduo e órgão da sociedade, sua responsabilidade em promover através do ensino e da educação, os direitos nela contidos. Em seu artigo 23, parágrafo primeiro, lemos: Todo o homem tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego.

Apesar do ideal discursivo relacionado aos direitos humanos, são poucas as iniciativas de fazer com que esses direitos passem a existir para além de palavras, ou seja, sejam transformados em atitudes, na materialização do ideal



social, não somente dentro das instituições governamentais e não-governamentais, mas nos diversos segmentos da sociedade.

Dessa maneira, o presente artigo buscará no processo argumentativo que apresentamos, contribuir com esse debate, ao sugerir que os sentidos que permeiam os discursos sobre direitos, inclusão, igualdade e responsabilidade social, trazem em si contradições e interdições próprias e constituintes dos fazeres ideológicos.

Para tanto, apoiar-nos-emos no arcabouço teórico da análise do discurso para problematizar os discursos vigentes acerca da inserção dos surdos no âmbito social.

A voz da Medicina e da Linguística

Buscaremos, no primeiro momento desse artigo, apresentar o surdo ao nosso leitor sob o enfoque discursivo da ciência, em particular, da medicina e da linguística, de forma a criar uma base de conhecimentos que lhe permita compreender os estudos que se seguirão posteriormente e, ao mesmo tempo, servirmos, através dos estudos propostos em nosso trabalho, de ponte para as relações sociais entre o nosso leitor - nosso convidado – e o surdo, o protagonista desse estudo.

O discurso clínico-terapêutico da surdez

Durante o último século, e especificamente no período anterior à celebração do Congresso de Milão de 1880, que de forma curiosa foi chamado Per il miglioramento della sorte dei sordomuti, até fins da década de 70, os surdos foram

3

VOCÊ É SURDO?!
LETRAMENTO E DISCURSO SOBRE O SURDO
EM AMBIENTE DE TRABALHO

Maria Aparecida Dorigon Domiêncio



objeto de uma única e constante preocupação por parte dos ouvintes: a aprendizagem da língua oral. (SKLIAR, 2001, p.110).

As conclusões do Congresso de Milão, conforme SKLIAR (2001, p.111), produziram uma radical divisão, e aparentemente irreconciliável, na história da surdez e dos surdos que, sem a participação da opinião da minoria interessada - os Surdos, o referido Congresso contou com o poder de decisão de um grupo pequeno de educadores ouvintes que impôs a superioridade da Língua Oral sobre a Língua de Sinais, além de decretar, sem nenhuma fundamentação científica, que a língua oral deveria constituir o único objetivo do ensino dos surdos.

A partir daí, de acordo com SKLIAR (Op. cit.), desencadeou-se uma proibição de outras formas de comunicação que não fosse a oral, configurando-se a Língua de Sinais, em um símbolo de repressão física e psicológica.

Na visão oralista, cuja filosofia educacional só se preocupa com o ensino da língua oral, a língua de sinais era um problema de segunda ou terceira ordem no que se refere ao seu uso na aquisição da escrita, aprendizagem de conteúdos escolares ou a integração igualitária no trabalho. Essa concepção, segundo Skliar, enquadra-se na visão clínico-terapêutica da surdez, que é estritamente relacionada à patologia, ao déficit biológico e que traduziu-se educativamente em estratégias de recursos de índole reparadora e corretiva. Como exemplo disso, vejamos a seguir a definição proposta pelo Dr. Ariovaldo Armando da Silva (apud CICCONE, 1996, p.10), médico Otorrinolaringologista e Especialista em Distúrbios da Comunicação, quanto à surdez: A privação auditiva constitui grave distúrbio neurológico sensorial, que afeta a capacidade de comunicação oral e de aprendizagem.

Nessa afirmação de Dr. SILVA (Op.cit.), podemos notar a tendência do discurso da medicina, ainda nos dias de hoje. O efeito de credibilidade que emerge



de suas palavras deve-se à imagem que a sociedade tem tido da medicina, o que confere a ela um poder discursivo superior ao da pedagogia por exemplo.

Cabe-nos esclarecer ainda, embasados em STRNADOVÁ (2000, p.18), que embora o surdo tenha certa dificuldade na fala como nós os ouvintes a concebemos, isso não o torna **incapaz** de falar uma vez que seu aparelho fonador esteja intacto. Dessa forma, se uma pessoa surda não fala, é simplesmente a consequência de não ouvir a fala dos outros desde sua infância e, de não ter ouvido e, portanto, não possuir em sua memória discursiva registros que a possibilitem imitar os fonemas da língua oral. Assim sendo, a referência que alguns de nós ouvintes fazemos aos surdos como **surdo-mudos**, além de ser deselegante constitui também um equívoco ligado ao desconhecimento.

SKLIAR (2001, p.114) afirma que sob a influência do discurso da medicina, palavras como “reabilitar”, “restituir”, “adestrar”, “imitar”, “reforçar” são frequentes no discurso pedagógico da educação do surdo.

O discurso linguístico sobre a surdez

De acordo com QUADROS e KARNOPP (2004, p.15), a linguística ocupa-se do estudo científico das línguas naturais e humanas.

Entre as diversas definições sobre língua disponíveis no dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, destacamos: Conjunto das palavras e expressões usadas por um povo, ou nação; sistema de signos que permite a comunicação entre os membros de uma comunidade (1986, p.1035).



De igual forma, são diversos também os discursos que permeiam a questão da surdez, o surdo e “sua” língua. Buscaremos, a seguir, destacar alguns desses discursos, com o objetivo de levarmos nosso leitor a refletir sobre eles como nós mesmos temos refletido a partir de nossas pesquisas.

Na perspectiva defendida por SÁ (2002, p.105), o aspecto linguístico não é o único nem o principal aspecto na construção da(s) identidades dos surdos, mas afirma que a identidade de um indivíduo quer surdo ou ouvinte, se constrói na e através da língua, sendo esta uma atividade em evolução, e conseqüentemente, também a identidade.

Somadas à definição encontrada no Dicionário Aurélio e à perspectiva de Sá, depreendemos que a língua é essencial na construção da identidade de um povo e, por conseguinte, de uma nação por menor que ela seja.

Segundo VYGOTSKY (apud SACKS, 2001, p.74), a linguagem tem ao mesmo tempo função social e intelectual. Ele afirma que a língua é um dos mais importantes instrumentos de mediação cultural e conclui ainda que a chave para o desenvolvimento do surdo seria um instrumento alternativo, a saber: a língua de sinais.



Aspectos Fronteirísticos entre o surdo e o trabalho

Lutar com palavras, parece sem fruto.
Não tem carne e sangue... Entretanto, luto.
(Carlos Drummond de Andrade)

Discorreremos a seguir, sobre os conceitos que ajudam a nortear o presente estudo, a saber, inclusão, ideologia, letramento, aquisição de língua estrangeira, língua natural, materna, discurso e poder.

Inclusão: aspecto “exclusivamente” social - escola-trabalho e o surdo

Quando ouvimos ou lemos na mídia e em espaços educacionais a palavra inclusão, nos vem à mente uma conotação imbuída de um otimismo contagiante. No entanto, faz-se necessária uma reflexão com um pouco mais de acuidade sobre os possíveis significados dessa palavra.

Dentre algumas definições para a palavra inclusão, encontramos: ato pelo qual um conjunto contém ou inclui outro. Em outras palavras, atitudes que indicam um movimento no sentido de acrescentar algo que falta a alguma coisa.

Nesse sentido, segundo GOES (2004, p.1), uma das ideias que mais contribui na delimitação do conceito de inclusão, é a de que todas as pessoas têm direito à plena participação social. Segundo a autora, esse conceito se contrapõe à noção de exclusão e se desdobra em tipos distintos de inclusão, a saber, a inclusão social, digital, escolar, entre outras.



No espaço acadêmico pedagógico, a inclusão escolar refere-se à inserção em sala de aula comum do ensino regular, de sujeitos dela excluídos e ela tem sido objeto de muitas discussões em simpósios, congressos e encontros. Há muitas opiniões divergentes entre essas discussões que deram origem a diversas declarações universais, dentre elas destacamos a declaração de Salamanca, resultante da Conferência Mundial sobre as Necessidades Educativas Especiais, de 1994, na Espanha. Essa Declaração tem como princípio norteador a seguinte ideia: todas as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem incluir crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos em desvantagens ou marginalizados.

Por influência de sua participação nesses encontros internacionais, o Brasil avançou em direção às atuais políticas de inclusão e, através de seu Congresso Nacional, sancionou a lei 10.845 de 05 de março de 2004, que em seu artigo primeiro diz: garantir, progressivamente, a inserção dos educandos portadores de deficiência nas classes comuns de ensino regular.

No que concerne ao surdo, a despeito do discurso “otimista” contido nessas leis, a política de inclusão tem para ele um significado totalmente negativo, pois carrega um sentido associado à perda de identidade cultural e linguística e com a proibição do uso da comunicação gestual que significou, isolamento, discriminação e consequentemente o fracasso (RAMOS, 2006, p.1; GOES, 2004, p.60)

Sobre esse fato, KASSAR (apud GOES, 2004, p.61) tece a seguinte crítica às políticas de inclusão: dar oportunidades iguais nem sempre significa dispensar o



mesmo tratamento. A escola deve ter por objetivo possibilitar o mesmo acesso, o que não significa oferecer sempre os mesmos meios.

No que diz respeito ao trabalho, LANCILOTTI (2003, p.76) assevera que: a escola foi chamada a qualificar para o trabalho aqueles que passaram a engrossar as fileiras dos desempregados. Já faz parte do senso comum a crença de que as pessoas estão sendo expulsas do mercado de trabalho por não estarem qualificadas para suas demandas.

A questão expressa no excerto acima se acentua ainda mais quando aplicado ao surdo, pois além do atraso escolar em relação à maioria ouvinte, ao surdo, quando ocorria uma oportunidade de trabalho, cabia a ele as tarefas mais desprezíveis, ou a opção de permanecer mendigando pelas ruas, realidade ainda presente nos dias de hoje conforme afirma STOKOE (apud RAMOS, 2006, p.4).

Os “bastidores” das palavras: ideologia, discurso e poder

A surdez, pelo que estudamos até o momento, tem se constituído um campo de batalha onde se travam lutas pela disputa de um espaço social em particular. Seu signo¹ linguístico, surdez, como afirma EAGLETON (1997, p.172), é puxado de um lado para outro por interesses sociais em competição, inscrito interiormente por uma multiplicidade de “sotaques ideológicos”. Em outras palavras, uma diversidade de vozes sociais emerge a partir do signo surdez, materializando, cruzando e articulando posições de ideias sociais através da linguagem. Essa polifonia socialmente estabelecida e autorizada, contendedora manifestada através do signo, pode ser entendida, na nossa opinião, como efeitos ideológicos; uma das manifestações materiais da ideologia, conforme definição do filósofo V. N.



VOLOSHINOV, considerado o “pai da Análise do Discurso” (apud EAGLETON, 1997, p.172), que afirma tratar-se da luta de interesses sociais antagônicos no nível do signo.

Ainda segundo VOLOSHINOV, (apud BRAIT, 2005, p.169): por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras (...) ou outras formas sígnicas.

Podemos depreender, dessa maneira, que se dissermos, por exemplo, a palavra Hitler, como em um botão detonador, dela emergirão significados históricos e ideológicos materializados no e através do signo pronunciado e que causarão efeitos positivos ou negativos, dependendo do sujeito para quem a palavra é dirigida ou a partir do sujeito por quem ela é pronunciada.

Isto posto, BAKHTIN (Op cit, p.168) e seu círculo de estudiosos, destruindo e reconstruindo parcialmente as concepções marxistas de ideologia, dividem-na em dois segmentos: a ideologia oficial e a ideologia do cotidiano. Segundo ele, a ideologia oficial é entendida como relativamente dominante, buscando implantar uma única concepção de produção de mundo. A ideologia do cotidiano é aquela que brota e é constituída nos encontros casuais e fortuitos, no lugar do nascedouro dos sistemas de referência, na proximidade social com as condições de produção e reprodução de vida.

Nesse sentido, ante as concepções articuladas nas páginas anteriores, o surdo foi, como não poderia ser diferente, também vítima dessas concepções ideológicas dominantes através dos poderosos discursos embasados no discurso científico veiculado pela medicina e pela ciência em geral. Discursos estes que transportaram e sedimentaram, por meio dos seus respectivos efeitos discursivos,

10

VOCÊ É SURDO?!
LETRAMENTO E DISCURSO SOBRE O SURDO
EM AMBIENTE DE TRABALHO

Maria Aparecida Dorigon Domiêncio



uma ideologia opressiva, que durante muito tempo, imprimiu seus valores preconceituosos ao longo da história da surdez a ponto de até mesmo o surdo acabar por se convencer de sua “inferioridade” como ser humano, incutindo nele próprio, a ideia da naturalidade dessa “verdade”, atendendo assim, o interesse dos dominadores.

A esses jogos de signos, ideologia e efeitos em movimento, palavras correndo e percorrendo, entrelaçando-se, e em conflito, dá-se o nome de discurso. Conseqüentemente, é no discurso que se observa a relação entre língua e ideologia

Na perspectiva de ORLANDI (2002, p.38), o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia.

SOUZA (2006, p.2) afirma que as palavras mantêm uma relação muito mais complexa com as coisas que a pretensa designação, nomeação ou representação. Elas mantêm mais que a relação significado/significante. Para corroborar com essa assertiva, FOUCAULT (apud SOUZA, 2006 p. 2) assevera: certamente os discursos são feitos de signos, mas o que fazem é mais do que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato de fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.

Nesse sentido, podemos dizer que uma frase não traz um único sentido nas palavras que a constitui; mas é habitada por possibilidades de sentidos em dispersão trazidos pela memória discursiva de outros enunciados (SOUZA, 2006, p.2).

MASCIA (2004, p.42), pautada em Bakhtin e Foucault, diz que o discurso é sempre e inevitavelmente constituído pelo discurso do outro. Conseqüentemente, um discurso nunca é original e homogêneo, mas acomoda no seu interior, no imbricar das palavras, o discurso do outro.



Na concepção de FOUCAULT (1971, p.02), o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorar-nos.

Dessa forma, podemos depreender que o poder não é algo que pertença exclusivamente à classe dominante, mas manifesta-se de maneira pulverizada nas relações sociais, nos micro-poderes.

Nesse jogo de efeitos decorrentes do discurso e práticas discursivas em que o poder se manifesta no âmbito social, na visão de FOUCAULT (apud SOUZA, 2006, p.3), o poder tem uma estreita relação com o saber. Nas palavras do autor: (...) o poder produz saber (...) poder e saber estão diretamente implicados(...)

Nessa mesma perspectiva, MASCIA (2003, p.62) afirma que não há discurso sem a relação de poder-saber.

Diante do estudo dos conceitos aqui apresentados, podemos afirmar que o motor fundamental que fornece a força organizadora da vida social é a luta por poderes e saberes. A história dos surdos é a história das relações entre comunidades surdas e ouvintes, é, portanto, uma história que expõe uma luta por poderes e saberes. Assim sendo, são as relações de poder que definem o campo cultural, e que todo conhecimento é um objeto cultural.

Palavras ao Vento; Expressões do Pensamento: letramento, língua materna, língua natural e aquisição de língua estrangeira

Vivemos em um mundo no qual diariamente, em quase todos os lados para onde lançamos o olhar nos deparamos com letras, palavras e símbolos que buscam de alguma maneira interagir conosco. A resposta que damos a esses “apelos”

12

VOCÊ É SURDO?!
LETRAMENTO E DISCURSO SOBRE O SURDO
EM AMBIENTE DE TRABALHO

Maria Aparecida Dorigon Domiêncio



lingüísticos – porque compreendemos a sua mensagem – é o resultado de um processo dinâmico de aprendizado a que fomos expostos desde a tenra idade, o letramento.

O termo letramento surgiu no Brasil há muito pouco tempo e não possui ainda uma definição consensual entre os pesquisadores acadêmicos. Para corroborar com essa afirmativa, KLEIMAN (apud ELIAS, POUZA e SOUZA, 2005, p.38) nos informa que: os estudos sobre letramento no Brasil estão numa etapa ao mesmo tempo incipiente e extremamente vigorosa, configurando-se hoje como uma das vertentes de pesquisa que melhor concretiza a união do interesse teórico, a busca de descrições e explicações sobre um fenômeno, com o interesse social, ou aplicado, a formulação de perguntas cuja resposta possa vir a promover uma transformação de uma realidade tão preocupante como é a crescente marginalização de grupos sociais que não conhecem a escrita.

SOARES (2001, p.16), diz que o letramento é mais que alfabetização e que cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais.

STREET (apud SOARES, 2001, p.75) caracteriza o letramento num modelo ideológico. Segundo ele, o letramento (..) tem um significado político e ideológico de que não pode ser separado e não pode ser tratado como se fosse fenômeno “autônomo”.

Isto posto, refletindo brevemente sobre a relação do surdo e o letramento, podemos dizer que diante de um histórico brasileiro de fracasso escolar de crianças em geral, em virtude de suas condições sociais precárias, a surdez vem a ser um fator “complicador”, visto que uma grande parcela dos surdos é usuária de uma língua diferente da utilizada pela maioria ouvinte, a Libras.



Na concepção de STOKOE (apud QUADROS, 2004, p.30), a língua de sinais atende a todos os critérios lingüísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças.

Para FERNANDES (2003, p.17), a língua de sinais é equivalente à qualquer língua naturalⁱⁱ que conhecemos.

Diante dessas afirmativas, podemos inferir então que se a língua de sinais constitui-se uma língua natural, qualquer outra língua oral ou escrita, viria constituir-se como estrangeira para o indivíduo surdo seja qual for seu país. No Brasil, a língua portuguesa, para o surdo, constitui-se em uma língua estrangeira.

Dessa maneira, o processo de letramento do surdo poderá ocorrer de forma bilíngüe; tendo a presença da língua de sinais como mediadora na aquisição da língua majoritária, e na contextualização social do surdo; na interação entre sujeitos.

A voz e a vez do surdo

Pai, afasta de mim esse cale-se...

(Chico Buarque de Holanda)

Analisaremos a seguir, os discursos sobre os surdos obtidos em nossa coleta de dados. Aqui será o palco em que colocaremos em diálogo a teoria e a prática, lugar em que buscaremos ouvir aquilo que não nos foi dito, dentro das palavras ditas das personagens desse estudo, ou seja, refletiremos através de nosso corpus, sobre o dizer e o não dizer dos sujeitos da pesquisa, procurando tornar visível aquilo que está interdito de forma a desconstruir “verdades” ideológicas manifestadas na materialidade linguística.



Educação no trabalho: surdos trabalhadores no espaço acadêmico

O cenário que analisaremos a seguir ocorreu no interior de uma das mais conceituadas universidades brasileiras. Trata-se de sujeitos surdos trabalhadores que ocupam funções (limpeza, recolhimento de lixo orgânico, serventes de alimentos aos usuários do restaurante etc) no restaurante universitário, o popular e carinhosamente chamado “bandejão”. Nenhum desses funcionários, sujeitos da pesquisa, do grupo observado exerce qualquer função na área administrativa do restaurante em função da escolaridade incompleta ou ainda ausência de escolaridade.

Sob a promessa de progressão em suas carreiras, esses sujeitos têm sido impelidos – uns diriam compelidos - a igualmente entrar na corrida pela qualificação que justificaria seus enquadramentos em um nível superior ao que estão hoje, com um conseqüente aumento salarial. O que ocorre é que, aquilo que, num contexto ouvinte, nessa mesma universidade, significaria a simples conclusão do ensino fundamental e médio (antigos primeiro e segundo graus), no caso de nossos protagonistas, essa exigência encontra um fator complicador: a aquisição da escrita para possibilitar a absorção dos conhecimentos que compõem as tradicionais grades curriculares das escolas do ensino fundamental e médio.

É nesse contexto que nossa pesquisa teve seu ponto de partida. Acompanhamos, através de registros em diários, por cerca de seis meses aproximadamente, as aulas da **classe especial** de surdos do Supletivo.

Continuamos a acompanhar as aulas do supletivo enquanto buscávamos contatos com surdos através da internet. Esses contatos foram iniciados através de sites específicos sobre surdos em que constavam listas de endereços de Messenger

15



(MSN) de surdos que desejavam fazer amigos. Dessa maneira, fomos incluindo esses endereços no nosso contato e, à medida que éramos autorizados, iniciávamos a interação de maneira informal e espontânea com essas pessoas e posteriormente as convidávamos a nos conceder entrevistas no ambiente virtual da Fatec, o Brasil MOOⁱⁱⁱ.

Dessa maneira, nosso contato com surdos de diferentes contextos sociais, de um lado, os do supletivo que travavam a luta pela assimilação de conteúdos escolares e, por sua valorização no emprego e, de outro lado, os surdos que já haviam, em certa medida, conquistado essa batalha, nos permitiram, por meio de suas histórias de vida em alguns momentos muito semelhantes e em outros tão diferentes, fazer reflexões as quais buscaremos compartilhar com o leitor a seguir.

Excluídos da inclusão: a contradição ideológica mostra sua face

Mesmo em período de férias escolares, mantivemos nossos contatos tanto com os surdos, quanto com a intérprete do supletivo. No dia 16 de fevereiro de 2005, fomos surpreendidos com um e-mail que nos trazia a notícia não somente da demissão da intérprete e outros profissionais ligados ao Programa de Inclusão, como também da extinção do referido programa, conforme excerto, a seguir: Segunda feira, eu e o José Flavio fomos convocados pra receber uma péssima notícia...fomos demitidos pela “XXX” (O nome da instituição foi omitido pela autora para publicação pela EAA.) e hoje estaremos assinando contrato de demissão...

Essa cena real e cruel traz consigo uma grotesca contradição por ter ocorrido num espaço em que o tema Inclusão tem sido exaustivamente debatido nos meios acadêmicos culturais, ou seja, em Congressos, Seminários, Encontros, ou mesmo



em seus espaços menores, as salas de aulas da universidade. Essa contradição expressa no **ato** da demissão da intérprete - uma das peças fundamentais da “engrenagem” do Programa – demonstra, de maneira implícita, que o discurso ideológico de acesso ao conhecimento extensivo a todos não reflete a realidade. Em outras palavras, os discursos concernentes à Inclusão criam um efeito que mascara ou até mesmo oculta as reais condições sociais, políticas e econômicas da universidade.

A despeito da atitude incoerente e arbitrária da “XXX”, os surdos do supletivo partiram para a “briga” na reivindicação de seus direitos, conforme nos relata a intérprete durante a mesma entrevista:

Rose [to dri.]: quando os deficientes souberam dos fatos .. eles se revoltaram e invadiram a sala do coordenador geral.... pedindo o nosso retorno.....

Rose [to dri.]: o sindicato publicou no boletim da universidade.. saíram as fotos.. relatando as atitudes de serem excluídos pela própria universidade...

Rose [to dri.]: o coordenador... **vendo a importância** do nosso trabalho.... resolveu nos contratar por contrato... e estou trabalhando aqui e o psicólogo também. mas a minha coordenadora foi pra outro departamento.. estamos aguardando respostas da “XXX” o que vai ser proposto..

Neste excerto podemos observar, através do relato de Rose, que o Coordenador somente “viu a importância” do trabalho de inclusão, mediante a pressão dos surdos e a publicação de reportagem no boletim distribuído na universidade. Nesse trecho, observamos claramente a “arena de luta” ideológica que norteia a surdez; nos interesses em competição; no jogo dos poderes em “queda-de-braço” em plena cena de batalha no campo de luta. Podemos depreender então que,

17



não fossem as pressões dos surdos na luta por seus direitos, e suas vozes terem ecoado pela “XXX”, a visão do Coordenador continuaria em completa miopia ideológica; os surdos continuariam sem aulas e sem outros atendimentos dos quais dependem da intérprete e de outros profissionais, enquanto paradoxalmente, os discursos sobre inclusão continuariam a ser debatidos em instâncias “superiores” dentro das salas de aula e de convenções da “XXX”. Instâncias estas nas quais muito provavelmente nossos protagonistas não estariam presentes e suas “vozes” possivelmente não seriam ouvidas.

Vozes do “além”: Surdos da internet contam suas histórias sobre a escola

Nesse item, iremos analisar o corpus discursivo por meio dos depoimentos de surdos entrevistados no MSN e BrasilMOO. Destacaremos alguns trechos em que nossos convidados relatam suas experiências escolares em relação ao seu processo de letramento.

Um de nossos entrevistados internautas, **André Luiz Freitas de Souza**, 22 anos, surdo profundo, perdeu a audição com 8 meses de idade devido a uma otite mal curada. Em relação à sua experiência escolar, André nos relata o que segue:

Ceci diz, "você é um surdo oralizado?"

Arara_Guest diz, " não, sou surdo bilíngue"

Ceci diz, "pode nos explicar o que é um surdo bilíngue?"

Arara_Guest diz, "para meus amigos(as) ouvintes e minha família, somente comunicamos pela língua portuguesa, com leitura labial. já com amigos(as) surdos, comunicamos pela Libras"



Cecidiz, "certo..."

Ceci diz, "com que idade você foi à escola?"

Arara_Guest diz, "que me lembre, 2 anos de idade, numa escola especial para criança surdas"

Ceci diz, "você consegue se lembrar como foi o seu aprendizado? Como funcionava essa escola especial?"

Arara_Guest diz, "além de ter aula comum, tinha também fono e ensino religiosa"^{iv}

Ceci diz, "era usado o idioma Libras no ensino?"

Jabuti_Guest diz, "**não, naquela época, a escola defendia oralismo, por isso proibia o uso de "linguagem"**, como era chamada antigamente, nas aulas, porém quando precisamos conversar com amigos surdos, sempre comunicamos pelo libras."

Você diz, "muito interessante! Você aprendia Libras onde naquela época?"

Jabuti_Guest diz, "aprendi libras pela convivência com amigos surdos."

Ante o depoimento concedido por André, percebemos que na escola "especial" em que André frequentava apesar da proibição do uso da Língua de sinais, os surdos utilizavam em suas interações uns com os outros, a Libras como meio de comunicação natural e espontânea. Podemos inferir que a então proibição do uso da Língua de Sinais não pôde impedir que ela se manifestasse no meio dos surdos, ainda que às escondidas, pois os "rebeldes" não somente a utilizavam como também a ensinavam uns aos outros. Essa resistência da comunidade surda nos traz à memória os processos utilizados por judeus durante a Segunda Guerra Mundial, em que nos guetos ou em campos de concentração nazistas, mesmo

19



diante do cerceamento de sua liberdade como povo, mantiveram secretamente sua cultura e língua.

O Pão Nosso de cada dia: os surdos e suas experiências no trabalho

Nesse tópico de nosso trabalho, buscaremos refletir através do corpus discursivo, sobre a surdez e suas relações no ambiente de trabalho.

A próxima experiência em âmbito laboral nos foi relatada por **Crowex**, surdo desde o nascimento; torcedor fanático do time do São Paulo; estudou em escola comum, faz leitura labial, mas segundo ele, passou a preferir a Libras após aprendê-la. Em sua entrevista, ele comenta: atualmente, eu amei Libras do que leitura labial. Na ocasião em que o entrevistamos, ele estava fazendo exames de admissão para ingressar na “Empresa Y” (O nome da empresa foi omitido pela autora para publicação pela EAA), empresa que, segundo ele, respeita os surdos. Vejamos a seguir os fatos que levaram Crowex a fazer essa afirmação:

Ceci diz, "onde voce trabalhou antes?"

Arara_Guest diz, "Empresa Z" (O nome da empresa foi omitido pela autora p/ publicação pela EAA)..

Arara_Guest diz, "Centro Operacional do Recife"

Ceci diz, "agora me conte qual era a função que você tinha nos "Empresa Z"?"

Arara_Guest diz, "Setor de Mecanizador, digitador"

Ceci diz, "você gostava desse trabalho?"

Arara_Guest diz, "mais ou menos"

Ceci diz, "hum...**o que te aborrecia no trabalho?**"

Arara_Guest diz, "bom.."



Arara_Guest diz, "Empresa Z" **não tem muito respeito para surdos..**"
Arara_Guest diz, "meus amigos surdos estava chateado por alguns motivos.."
Ceci diz, "nossa! fale disso para nós!"
Arara_Guest diz, "por exemplo, eu entrei no correios.. "
Arara_Guest diz, "**tava sem interprete..** correios não precisa interprete para surdos.."
Arara_Guest diz, "fiquei chateado um pouco.. eu consigo entender os lábios"
Arara_Guest diz, "mas eu quero muito d interprete, pq é mais claro pra mim.."
Arara_Guest diz, "durante o tempo no trabalho.."
Arara_Guest diz, "**alguns pessoas provocam para surdos**"
Arara_Guest diz, "**surdo-mudo**"
Arara_Guest diz, "tbm.. **reuniao para funcionarios e contratos**"
Arara_Guest diz, "**sem interprete, surdos não consegue entender nada**"

No nosso entendimento do depoimento do nosso sujeito da pesquisa, para Crowex, a palavra respeito tem uma relação muito forte com a língua de sinais conforme podemos depreender nas suas falas. Nas relações sociais, é de bom tom que nas conversações em que haja um estrangeiro presente, não se utilize nas interações, um idioma que não possa ser compreendido por todos, ou que haja então, um intérprete/tradutor para atuar na mediação. Acreditamos dessa maneira, baseados nos relatos de Crowex, que a "Empresa Z" não reconhece os surdos como cidadãos socialmente participantes da comunidade da empresa, pois ao negarem a seus trabalhadores surdos, a figura do intérprete, atribuem a eles a incapacidade intelectual para participação social e os condenam à efetiva condição de "surdo-mudo" à medida em que lhes tiram os "ouvidos" e a "voz".



Por não aceitar ser submetido à condição humilhante da “inexistência”, Crowex, juntamente com outros trabalhadores surdos, demonstraram seu descontentamento a seus superiores, e como resultado disso, a demissão. O chefe de setor, utilizando-se do poder que sua posição de chefia lhe confere, utilizou o método da punição como forma de repressão a um possível levante dos “rebeldes”, conforme registrado no trecho abaixo:

Ceci diz, "voce pediu demissão por causa disso?"

Arara_Guest diz, "não, **o chefe me tirou..**"

Arara_Guest diz, "**chefe já sabe q eu estava chateado..** "

Ceci diz, "certo..tirou voce dos "Empresa Z" ou do setor?"

Arara_Guest diz, ""Empresa Z"

Arara_Guest diz, "eu sai no correios e fiquei satisfeito.."

A leitura que podemos fazer da atitude do chefe em relação não somente a Crowex, que foi penalizado com a demissão, mas também em relação aos outros trabalhadores surdos é que a medida punitiva traz consigo, implicitamente, um efeito discursivo de tirania no imaginário dos sujeitos que, em outras palavras, poderíamos traduzir como: Permaneça “surdo e mudo” ou perde o emprego. A punição, nesse caso, serviu de mecanismo silenciador para possíveis outras atitudes reivindicatórias da parte dos surdos. Esse episódio ratifica a tese dos reformadores do século XVIII (filósofos e teóricos do direito, juristas, magistrados e parlamentares) que diziam que a tirania se opõe à revolta; elas reclamam reciprocamente. (FOUCAULT,1987, p.69)

Buscamos nesse artigo trazer os discursos dos surdos quanto à surdez e suas relações com o letramento (KLEIMAN, 1995/2001; LODI, 2002; SOARES, 2001; STREET 1984) e o trabalho à presença do leitor e, através deles, nos seus

22



dizeres e não dizeres, no entrelaçamento de suas palavras, nos conflitos e nos interditos, tecer reflexões mediante a utilização das teorias e conceitos da Análise do Discurso, nas relações de poder-saber de BAKHTIN (1997), BRAIT(2005), BRANDÃO (1998), FOUCAUT (1987), MASCIA (2002/2004), ORLANDI (2002); SÁ (2002), POUZA (2002) e SOUZA (2006)

A despeito das inúmeras outras possibilidades analíticas poderem ainda emergir dos recortes discursivos aqui apresentados, nos limitamos ao espaço desse estudo na certeza de termos contribuído para que outras reflexões surjam e novos debates sejam possíveis em âmbito acadêmico e com isso o campo dos saberes seja fertilizado.

Considerações Finais Provisórias:

O presente estudo teve por objetivo investigar os discursos que os surdos constroem sobre si próprios, principalmente com referência à sua condição histórico-social e as relações com seus processos de letramento e inserção no mercado de trabalho. Iniciamos nosso trabalho apresentando o surdo ao leitor ouvinte ou surdo através de uma estrutura de conhecimentos embasada em teorias médicas, nos discursos clínico-terapêuticos e linguísticos acerca da surdez. Na continuidade do processo argumentativo proposto, apresentamos e discutimos conceitos sobre inclusão (SKLIAR, 2001; LANCILLOTTI, 2003; LODI, 2002), ideologia (BRAIT 2005; EAGLETON, 1997; FIORIN, 2005; MASCIA, 2002/2004; POUZA, 2000, SOUZA, 2006) discurso, poder (BAKHTIN, 1997; BRAIT, 2005; BRANDÃO, 1998; FOUCAULT, 1987; MASCIA, 2002/2004, ORLANDI, 2002; SÁ, 2002, POUZA, 2002;



SOUZA, 2006) e letramento (KLEIMAN, 1995/2001; LODI, 2002; SOARES, 2001; STREET 1984) que sedimentam nosso trabalho de investigação. Por último, nos concentramos na análise dos discursos construídos pelos surdos e ouvintes, devidamente orientados pelas teorias de linha francesa da Análise do Discurso e seus respectivos instrumentos de análise.

Em nosso trabalho de pesquisa, pudemos obter, tanto no que se refere à observação quanto às entrevistas efetuadas com surdos, dados de extrema relevância e inéditos que nos permitiriam escolher diversas possibilidades de condução de nosso estudo e configurar, dessa forma, o corpus analisado. No entanto, mesmo diante de um leque diversificado de opções que poderiam incluir outros campos de conhecimento que possibilitariam um maior aprofundamento na pesquisa científica, nos limitamos ao espaço deste trabalho monográfico.

Dessa maneira, acreditamos que o estudo que apresentamos à Comunidade universitária da Fatec-ID, seja apenas um esboço e talvez apenas uma pequena amostragem dos caminhos ainda passíveis de exploração do tema de investigação.

Há ainda, dentro do nosso corpus discursivo, muitos outros dados que não puderam ser explorados no espaço a nós concedido, e, por esse motivo, é preciso suspender o processo de pesquisa. Inúmeras outras possibilidades de análise poderão nos direcionar para um futuro aprofundamento, o que acreditamos poderia constituir um enriquecimento e fortalecimento acerca das discussões acadêmicas sobre a surdez e permitiria a inclusão, ainda que de forma indireta, das vozes de sujeitos surdos nesses debates.

Do ponto de vista pessoal, a presente pesquisa nos foi muito recompensadora à medida que pudemos não somente ampliar nossos conhecimentos e letramento



sobre o tema e objeto de estudo, mas, também, nos permitido imergir em relacionamentos de amizade perfeitamente possíveis entre ouvintes e surdos.

Dessa maneira, ao cabo de nosso estudo investigativo esperamos ter contribuído positivamente para uma ampliação das reflexões sobre o surdo e as implicações sociais advindas da surdez.

ⁱDe acordo com a Lingüística Estruturalista signo é um elemento representativo que apresenta dois aspectos: um significante e um significado; a título de exemplificação, temos no nosso repertório, o signo árvore que trás uma seqüência sonora que leva a uma imagem armazenada no cérebro, ou seja, o significante o qual, por sua vez ao ouvir-se o som da palavra árvore, logo se pensa num “vegetal lenhoso, cujo caule é chamado tronco, que exhibe ramos desde junto ao solo”, isso é o significado. (INFANTE, 1988, p.28)

ⁱⁱ**Língua natural** aqui, deve ser entendida como uma língua que foi criada e é utilizada por uma comunidade específica de usuários, que é transmitida de geração em geração, e que muda - tanto estrutural, como funcionalmente - com o passar do tempo (SÁ, 2002, p.108). Essa interpretação é diferente da expressa nas teorias de Análise de Discurso e as de poder-saber Foucaultianas.

ⁱⁱⁱ<http://www.fatecid.com.br:8000>

^{iv}Nenhum dos discursos analisados neste estudo foram adaptados à norma culta. As transcrições foram feitas intencionalmente *ipsis literis*.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. *As dimensões da crise no mundo do trabalho*. In: Olhoda História - Revista nº 4 - Universidade Federal da Bahia (s.d.)

<http://www.olhodahistoria.ufba.br/04antune.html> . Acesso em 22/06/2005.

BAKHTIN, M.M. (1997) *Marxismo e filosofia da linguagem*: in Brait, Beth. Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005

BRAIT, Beth (org). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.



-
- EAGLETON, Terry. *Ideologia – Uma introdução*. São Paulo, editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitemp, 1997.
- ELIAS, Neide; POUZA, Sullivan S.; SOUZA, Vanderlei. *Adaptações Cinematográficas e Versões Simplificadas: Multiletramento(s) no Ensino de Literatura em Língua Estrangeira*. Revista de Estudos e Reflexões Tecnológicas da FATEC Indaiatuba. N. 3, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição, 18ª impressão, Editora Nova Fronteira, 1986.
- FERNANDES, Eulália . *Linguagem e Surdez* .Porto Alegre: Artmed, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento na Prisão*. Petrópolis, Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do Discurso*. (*L'ordre du discours, Leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2 décembre 1970, Éditions Gallimard, Paris, 1971*). Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/biblio.html> . último acesso em 21/01/06
- GOES, Maria Cecília R. *Políticas e Práticas de educação inclusiva*. Campinas.SP: Autores Associados, 2004
- KLEIMAN, Ângela B. *Os Significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas,, São Paulo, Mercado de Letras, 2001
- LANCILLOTTI, Samira Saad Pulchério .*Deficiência e Trabalho: Redimensionando o singular no contexto universal*.CAMPINAS-SP: Autores Associados, 2003 editora Coleção Polêmicas do nosso tempo, 85.
- LODI, Ana Cláudia B. . *Letramento e minorias*. Porto Alegre: Mediação 2002.
- MASCIA, Márcia A. A. *Investigações Discursivas na Pós-Modernidade: uma análise das relações de poder-saber do discurso político educacional de língua estrangeira*. Campinas, SP: Mercado de Letras, São Paulo: Fapesp, 2003.
-
- _____. 2004. *Os Discursos Monográficos nos Movimentos da Globalização Versus Virtualização e da Pós-Modernidade*. IN: ELIAS, N.; POUZA, S. S.; SOUZA, V., (org.), REVERTE - Revista de Estudos e Reflexões Tecnológicas da Faculdade de Tecnologia de Indaiatuba, Nº 2, 2004, páginas39.



-
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. 10 de dezembro de 1948. Rede de Direitos Humanos e Cultura - <http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/textos/integra.htm> - último acesso 26/08/05.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso : Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 4ª edição, 2002.
- POUZA, S. S. 2002, *O habitus e o Monge: uma análise das contradições das concepções de bons professores de Inglês como língua estrangeira*. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Depto. De Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-17092002-122933/>
- QUADROS, Ronice Muller de & KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- RAMOS, Clélia R. A Atuação da Família/Profissionais/ Legislação para o Desenvolvimento/Inclusão da pessoa surda; 2001. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br>; último acesso em 21.01.06
- SÁ, Nídia Regina Limeira de. *Cultura, Poder e Educação de Surdos*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.
- SACKS, Oliver W. *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos / Oliver Sacks: tradução Laura Teixeira Motta*. SÃO PAULO: Companhia das Letras, 2001 – Título original: Seeing Voices.
- SILVA, Ariovaldo Armando. *Comunicação Total: Introdução, estratégias a pessoa surda / Marta Ciccone (org)*. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996.
- SKILIAR, Carlos (org.). *Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. Porto Alegre – Editora Mediação, 2001.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2.ed., 3.reimpr, - Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- SOUZA, Vanderlei de. *Aspectos discursivos de um evento interativo em sala de aula virtual* IN: CROP - Revista da Área de Língua e Literatura Inglesa e Norte-Americana 11. Brasil: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.
- STREET, Brian. (1984) In Elias, Neide; Pouza, Sullivan S.; Souza, Vanderlei. *Adaptações Cinematográficas e Versões Simplificadas: Multiletramento(s) no Ensino de Literatura em Língua Estrangeira*. Revista de Estudos e Reflexões Tecnológicas da FATEC Indaiatuba. N. 3, 2005.



STRNADOVÁ, Vera . *Como é ser Surdo* . Araras: Babel editora, 2000.

Nota: Texto apresentado à Faculdade de Tecnologia de Indaiatuba – FATEC ID em 2006, sob a orientação do Prof. Vanderlei de Souza e encaminhado pela autora para publicação pela EAA-Editora ARARA AZUL Ltda em 2014, após revisão e complementação.

Identificação da Autora:

Maria Aparecida Dorigon Domiêncio



Graduada pela Faculdade de Tecnologia de Indaiatuba, com as ênfases em secretariado Bilíngue (Inglês e Espanhol) e Comércio Exterior. Coursou Libras pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. Fez Estudos sobre Letramento com Profª Drª Ângela Kleiman (Pós-Grad. Unicamp) e Multiculturalismo, Plurilinguismo e Educação Bilíngue I , Profª Drª Terezinha Maher (Pós-Grad. Unicamp), além de Estudos sobre a Língua Brasileira de Sinais (Faculdade de Educação da Unicamp) Coursou ainda, Hebraico com a Profª Dora Blatyta (IEL-Unicamp). Atualmente tem continuado seus estudos em língua estrangeira, no idioma Italiano dentro do Projeto CPL – IFCH/UNICAMP.

E-mail: cgdanca@hotmail.com; domienc@unicamp.br